

SONHAI E FICAREIS AQUÉM

PEDRO CASCIARO

SONHAI E FICAREIS AQUÉM

Tradução
Rafael Ruiz

Revisão
Alfredo Canteli
Emérico da Gama

1ª edição



QUADRANTE

Copyright © 2013 by Fundación Studium

Título original
Soñad y os quedaréis cortos

Tradução
Rafael Ruiz

Revisão
Emérico da Gama
Alfredo Canteli

Foto da capa
Acadêmia e residência DYA,
Madri (Espanha). Março, 1935.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Casciaro, Pedro. 1915-1995

Sonhais e ficareis aquém / Pedro Casciaro; tradução de Rafael Ruiz. - São Paulo :
Quadrante, 2013

Título original: *Soñad y os quedaréis cortos*

ISBN: 978-85-7465-168-2.

1. Testemunhos (Cristianismo) 2. Opus Dei – História 3. Experiência religiosa
4. Vida cristã 5. Escrivá de Balaguer, Josemaria, São, 1902-1975 I. Título.

CDD-248.2

Índice para catálogo sistemático:

1. Testemunhos (Cristianismo) : Opus Dei – História : Cristianismo 248.2

Todos os direitos reservados à QUADRANTE EDITORA

Rua Bernardo da Veiga, 47 - Tel.: 11 3873-2270

CEP 01252-020 | São Paulo - SP

www.quadrante.com.br | atendimento@quadrante.com.br

ÍNDICE

- I. Prelúdio, 7
- II. Madri nos anos 30, 13
- III. Um verão em Torre vieja, 34
- IV. A chamada, 41
- V. Primeiros passos, 51
- VI. Guerra civil, 76
- VII. Dias de espera, 105
- VIII. A través dos Pireneus, 115
- IX. Pamplona, 143
- X. Os meses em Burgos, 151
- XI. Voltar a começar, 203
- XII. A expansão apostólica, 224
- XIII. O Padre no México, 246
- XIV. Em Torreciudad, 272
- XV. 17 de maio de 1992, 277

I. PRELÚDIO

Don Filiberto

Naquele longínquo ano de 1914, meu avô materno, Diego Ramírez, professor primário em Torrevieja, província de Alicante, estava seriamente preocupado. E não era apenas pela tensa situação internacional que daria lugar, pouco depois, à Guerra Europeia, mas por algo muito mais doméstico, familiar e concreto: o casamento, já próximo, da sua filha Emília. Quer dizer, da minha mãe.

Mas que melhor partido queres encontrar que esse rapaz?, diziam-lhe os seus familiares. E tinham razão: o noivo da sua filha, Pedro Casciaro, era um rapaz excelente, honrado e estudioso; procedia de uma rica família de origem italiana, muito conhecida, que tempos atrás se aparentara com os Parodi e os Boracino, estirpes originárias da Itália por um caminho ou outro. Os Casciaro tinham emigrado de Nápoles para a Inglaterra na época de Napoleão; nessa mesma época, os Parodi tinham-se instalado em Torrevieja, procedentes de Gênova, e os Boracino tinham chegado à *pele de touro* [forma do mapa da Península Ibérica] no século XVIII, quando Carlos III se mudara de Nápoles – onde era rei – para a Espanha.

Mas que melhor partido...? Tinham razão os que diziam ao meu avô Diego: o rapaz era um *partido* excelente. Era filho de Júlio Casciaro, um homem culto e correto, formado em Direito, que, após receber a herança, decidira fixar residência em Torrevieja, onde a família tinha um sítio de re-

creio que se chamava *Los Hoyos*. E era neto de Mr. Peter Casciaro, inglês de nascimento, que, depois de estudar num prestigioso *College* de Londres, se tinha especializado em Mineralogia e Contabilidade.

Mr. Casciaro era, além disso, um grande empresário: tinha construído a via férrea que ia de Medina del Campo a Salamanca; explorava numerosas minas que se estendiam de La Unión, em Múrcia, até os Montes Urais, na Rússia; e possuía diversas propriedades urbanas e agrícolas na Espanha e na Argélia. E como não queria que os seus filhos perdessem as raízes inglesas, quando lhe nasceu o filho Júlio, em Cartagena, mesmo depois de já residir havia muito tempo na Espanha, inscreveu-o no Consulado da Inglaterra como súdito britânico.

Seu neto Pedro era um rapaz educado, simpático, alegre, muito bem formado intelectualmente – era doutor em Filosofia e Letras, de muito bom aspecto e bom esportista. Que mais podia pedir o sr. Diego para a sua filha? Não havia motivo – diziam-lhe todos – para se mostrar tão inquieto...

O que inquietava o meu avô materno, homem de Missa diária, grande catequista e profundamente praticante, era a frieza religiosa da família do noivo. De outros pontos de vista, nada tinha a objetar: o seu futuro consogro era um homem caritativo, de bons costumes e retos princípios; mas, infelizmente, tal como a sua esposa, não era nada religioso. Era republicano – daquele tipo dos *intelectuais pela República*, que viam nesse regime político uma saída para a decadência espanhola – e, naquele tempo, dizer republicano era, para muitos, dizer o mesmo que anticlerical e, com frequência, anticatólico.

Não era esse o caso do sr. Júlio e da sua esposa, mas, apesar de tudo, aquele pedido de casamento suscitava no meu avô graves problemas de consciência: devia ele permitir que a sua filha Emília, uma piedosa e boa cristã, pudesse ca-

sar-se, por muito enamorada que estivesse, com um rapaz assim? Que educação receberiam os seus netos?

Depois de dar voltas e mais voltas à cabeça, decidiu pedir conselho ao Pe. Filiberto, que era o pároco da localidade.

– Não se preocupe – sentenciou gravemente o Pe. Filiberto, depois de escutar as coitas do meu avô materno –, porque os filhos desse casal virão a entregar-se a Deus.

Ignoro que luz interior levou o Pe. Filiberto a pronunciar essa singular profecia, expressa além disso de um modo tão preciso e contundente. Foi o Espírito Santo que lha soprou ao ouvido? Foi uma simples desculpa para tranquilizar um pai preocupado? Ou foi apenas uma simples frase, dita ao acaso? Não sei dizer. O certo é que o Pe. Filiberto não se enganou.

Os militares e a sopa

Mas continuemos com a história da família. O meu avô acabou por conceder a mão da sua filha e, uma vez dissipadas as nuvens agourentas, os meus pais casaram-se, felizes, numa capela instalada no próprio sítio de *Los Hoyos*. Pouco depois, o meu pai foi nomeado professor interino de História da Espanha na recém-criada Universidade de Múrcia e designado professor auxiliar de Geografia e História do Colégio. E em Múrcia foram nascendo os seus três filhos. Eu fui batizado em 1915 na paróquia de Santa Engrácia de Múrcia; depois, nasceu a minha irmã Soledad, que morreu ainda pequena; e mais tarde, nasceu o meu irmão José Maria, que em casa era sempre familiarmente tratado por Pepe.

Quando se abriu um concurso para titular da cadeira de Geografia e História no Colégio de Múrcia, meu pai correu, mas tirou o segundo lugar. Isso fez com que não pudesse escolher Múrcia, mas Vitória. Como queria permanecer na região do Levante, conseguiu ser transferido para Al-

bacete, cidade relativamente próxima de Múrcia e Torrevieja, onde a sua família residia e tinha os seus interesses.

No começo, meu pai considerou a sua nomeação para Albacete como coisa meramente temporária, pois o que desejava era voltar o mais breve possível a Múrcia ou ir para Cartagena. Mas pouco a pouco foi criando raízes no seu posto de trabalho e fazendo numerosas amizades em La Mancha. Foi Diretor da Escola de Trabalho e empreendeu muitos projetos, como a construção de um novo edifício para o Colégio, do qual chegou a ser diretor; impulsionou as excavações arqueológicas na região; criou e instalou o Museu Provincial, e assim, um longo etcétera. Em resumo: acabou por ganhar um profundo carinho por aquele lugar, coisa que, para quem o conhecesse, não era muito difícil.

É verdade que a política também influiu na sua decisão de permanecer em Albacete, embora se tivesse interessado muito pouco por ela nos primeiros anos da ditadura de Primo de Rivera. Porém, quando a monarquia caiu, militava com grande entusiasmo nas fileiras republicanas.

Isso não significa que fosse partidário de nenhum esquerdismo extremado, como o comunismo ou o socialismo da época (embora uma parte da opinião pública colocasse no mesmo saco republicanos, socialistas e comunistas, por causa das alianças eleitorais do momento). O seu republicanismo não era desse tipo: era um republicanismo moderado, de perfil liberal, com uma grande preocupação pela classe operária, como o demonstra a circunstância de ter chegado a ser presidente de um daqueles tribunais criados na época de Primo de Rivera para solucionar conflitos entre patrões e operários.

Esses presidentes costumavam ser homens de bem, respeitados e aceitos por ambas as partes litigantes, e o cargo trouxe-lhe não poucos problemas: meu pai não podia compreender como algumas pessoas, suas amigas, de posição economicamente bem folgada, pudessem regatear aumentos

salariais de cinquenta centavos a gente que tantas vezes vivia à beira da miséria. E foi-se distanciando de certos amigos que pertenciam às famílias mais abastadas da cidade.

Albacete contava naquele tempo com uma pequena sociedade provinciana, integrada por proprietários de terras, funcionários públicos, profissionais de diferentes áreas, alguns industriais e outros elementos de classe média modesta. Com a proclamação da República, a divisão – que já existia – entre pessoas politicamente qualificadas como de *direitas* ou de *esquerdas* foi-se acirrando na cidade; meu pai passou a ser conhecido cada vez mais como um *intelectual de esquerdas*. E, como tal, participou do grande comício realizado no Teatro Circo, que contou com a presença de Azaña¹. Meu pai era o que hoje chamaríamos um *intelectual engajado*.

Do ponto de vista religioso, não era praticante; mas, por respeito e carinho para com a minha mãe, costumava ir com ela à Missa todos os domingos e quis celebrar comemorar com uma festa de arromba a Primeira Comunhão do meu irmão José Maria. Mas os tempos não se prestavam a sutilezas: quando os seus opositores políticos souberam da festa, publicaram num pequeno jornal local um artigo bastante pesado com o título de *Laicismo, sim, mas não na minha casa*, no qual o injuriavam sem piedade. Profundamente irritado, meu pai deixou de ir à Missa a partir daquele dia.

Esse gesto retrata-o de corpo inteiro. Era um homem apaixonado, que vivia com todo o ardor aquele difícil momento político e social que a Espanha atravessava. Lembro-me de que um dia, vários anos antes, chegou a casa afogueado, enquanto o meu irmão tomava a sua sopa. Vinha irritado com a nomeação de vários militares para determina-

1 Político e escritor, Manuel Azaña Díaz (1880-1940) foi presidente do governo provisório (1931-1933), com o apoio da coligação socialista-republicana. Viria ainda a ser o segundo e último Presidente da Segunda República Espanhola (1936-1939).

dos postos de Governo. Arrancou de um golpe o colarinho engomado e a gravata, atirou-os furiosamente sobre a poltrona e gritou:

– Vamos ter militares até na sopa!

Ao ouvir isso, o meu irmão olhou muito assustado para dentro do prato e procurou na sopa aqueles militares que tanto irritavam o nosso pai e que ameaçavam apossar-se do seu caldo. E durante bastante tempo a sua imaginação infantil especulou sobre o interesse que aqueles senhores poderiam ter em enfiar-se furtivamente – e isso era o mais misterioso, *como?* – na pequena sopeira familiar...